

O Rio Grande

ANO I - NÚMERO 3 - NATAL-RN - SETEMBRO/OUTUBRO 2009 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

O FOOT-BALL DE OUTRORA EM NATAL



Ilustração: Edimar Viana

1ª PARTE

Editorial

Este terceiro número do jornal vem com duas diferenças: um novo editor, e uma nova coluna informativa. Procurarei dar minha contribuição, alicerçado no programa de preservação de nossa cultura tradicional, mas no contexto em que esteja sempre sendo renovada com novas perspectivas.

O primeiro de uma série de artigos de Luiz G.M.Bezerra dá início à história do nosso futebol. E contada por Luiz G.M.Bezerra já é garantia de fidelidade aos fatos, e de estilo agradável de ler.

Os melhores filmes que o espectador natalense viu durante a década 60 do século passado são mais uma vez tema de artigo meu, desta vez apresentando o cinema que existiu mas não existe mais na cidade: O Cinema Poti.

A articulista Jô contribue para o jornal com um tema curioso, diria mesmo inusitado: a sua empatia por serpentes. Ela explicita a coisa, descendo a detalhes históricos etc. Mas com um estilo também comunicativo.

Numa época como a que vivemos atualmente, interesseira e triunfalista, onde os sentimentos bons do alicerce familiar as vezes periclitam, vencidos pelo egoísmo que o consumo e a globalização disseminam, é emocionante ler uma crônica como a que o poeta e ensaísta J.Charlier Fernandes dedicou a seu filho Glauber quando este ainda era um bebê de poucos meses de nascido. É cheia de beleza e afeto, poesia e humanismo. Além de criatividade. Leiam e confirmem.

Neste número, também, uma entrevista com o poeta Manuel de Azevedo sobre a poesia de cordel; realizada por Carlos Frederico de O. L. da Câmara; e duas páginas sobre o trabalho da artista plástica Iolanda de Oliveira, em telas.

Leiam (e vejam) o novo número de **O Rio Grande**, e tomem conhecimento do que pensam e criam literariamente nossos escritores e colaboradores.

Anchieta Fernandes

O Rio Grande Expediente

Diretor

Carlos Frederico de O. Lucas da Câmara

Editor

Anchieta Fernandes
(DRT/RN-564)

Programação visual

Maiquel Rocha
Valmir Bezerra

Revisão

Anchieta Fernandes

Fotografias:

Arquivo e

Fotografia do Livro, Evolução Urbana de Natal em 400 anos - (1499 - 1999). João Maurício Miranda na pág. 04 do Jornal Rio Grande.

Capa:

Ilustração de Edimar Viana
Capa do livro "Da Bola de Pito ao Apito Final" (Memória do Futebol Potiguar - Everaldo Lopes)

Colaboradores

Anchieta Fernandes, Charlier Fernandes, Jô, Luiz GM Bezerra e Carlos Frederico de O.L. da Câmara

Impressão

Departamento Estadual de Imprensa (DEI)

Tiragem

500 exemplares

Colaborações, críticas e sugestões devem ser enviadas para o endereço eletrônico: carloastral@hotmail.com

Os textos publicados neste jornal são de inteira responsabilidade dos autores.



SUPER

Assista no telão



Campeonato Brasileiro

Quarta Imperdível

Chopp Antarctica*



R\$ 2,00

Rodízio de Pizzas*



De R\$14,90 por R\$11,90

*FOTOGRAFIA ILLUSTRATIVA

Shopping Cidade jardim. Disk-entrega: 3217-4704

Um conto das Minhas e uma Noites



Por Jô

Quase toda criança povoa sua cabeça com a imensa curiosidade e vontade de conhecer terras distantes enquanto alguns adultos planejam visitar seus colonizadores. Uns sonham com a Europa (os mais “civilizados”), outros com as Américas menos abençoadas (os nativos) e, os mais românticos (embrionários anarquistas), com o Oriente encantador. Foi o que comigo aconteceu. E desses sonhos, geralmente fica um símbolo, como por exemplo, da Inglaterra, a rainha, para citar mais corriqueiramente. Do oriente, precisamente da Índia, ficou para mim o que a Metro Goldwim-Mayer legou, ou seja, os mercados públicos com seus faquires e encantadores de serpentes.

Fascinação seria pouco para descrever o meu interesse a respeito. Tanto é que, a normal repugnância que se tem por esse tipo de réptil, inexistente em mim. Até o presente, fico fascinada pelos movimentos de uma serpente. Consigo até (claro que é na minha imaginação e essa observação é para os céticos) lhe entender e decifrar pelas expressões faciais, o que é gratificante

por ter a serpente mil faces, por ser roliça. E com isso cheguei à ótima e plausível conclusão que, uma boa serpente hipnotiza seu encantador. Enquanto ele toca, certo que a domina, é ela que conduz o espetáculo e ele não sabe. Aí é que está o seu veneno. Ela se diverte e por isso se presta ao seu parente amo. E os cristãos normais diriam que toda criança tem suas fantasias. Aliás, os cristãos duvidaram até de Cristo.

Daí, comecei nos meus estudos sobre a natureza sobre-humana das pessoas humanas: passei a contempla-las. E enquanto os cientistas discutem sobre a hipnose ao longo desses anos, eu via, sem precisar deles, como era fácil hipnotizar. Senão vejamos: ao ler as apreciações aqui contidas, pensarão que eu não deveria falar tão ingenuamente sobre mim e apenas agir nas caladas do dia, já que à noite se fala. Mas, o encanto começa justamente daí. Ninguém em pleno gozo ou ejaculação precoce de suas faculdades mentais iria supor ou pensar de imediato que ao falar tão simploriamente tenha capacidade de aplicar o que é dito. Até porque existem os espertos que são ótimos pacientes. E vamos à parte formal.

Se alguém tem uma teoria pode até transforma-la numa expressão matemática para se fazer acreditar. Deus, por acaso não resultou numa expressão matemática para a ciência? “Imagine” uma banal

serpente. E depois, as pessoas sempre precisam de nomes, rótulos para preencher o que não querem omitir vazio. Se trabalham tanto, passam anos e anos se travestindo para serem aceitas pela vontade geral que, se tornam adultos perdendo a capacidade de ver como tudo pode ser simples.

E foi contemplando durante todo meu tempo que constatei o que como herege falo. Não se trata de dizer verdades já que cada um tem a sua. São meras constatações e impressões de minhas viagens ao oriente. Aliás, pela módica quantia de quarenta centavos que pagava no Cinema São Luís, eu viajava constantemente para os mercados indianos por hora e meia, o suficiente para me iniciar nos estudos que até hoje me dedico.

E como todo viajante-estudioso em cada regresso escreve suas impressões, como os cientistas escrevem suas teorias, vi por bem, de uma forma até modesta (constitui ato admirável uma vez que nada tenho de modéstia) começar a escrever dos mais íntimos, que de alguma forma conhecida ou desconhecida, quando eu estava dentro do cesto ouvindo as mágicas músicas me encantaram. E mister se faz afirmar que, essas impressões são um gesto de homenagem-carinho que dedico aos meus amados encantadores.

O FOOT-BALL DE OUTRORA EM NATAL

1ª PARTE

Por Luiz G.M. Bezerra

Torna-se necessário registrar para a história como era praticado, no passado, o “foot-ball” em Natal, com clubes fundados e formados por moços sonhadores e vibrantes da melhor sociedade, que jogavam amistosamente entre si, antes do aperfeiçoamento e melhor conhecimento daquele esporte nos clubes, suas regras, arbitragens, escalações, formações das equipes e outras minúcias, bem como fatos curiosos relacionados com o advento do “foot-ball”.

Era essa a panorâmica do “foot-ball”, o novo e fascinante esporte que aparecia em Natal no início do nosso século. Claro está que os dados a seguir ressentem-se de falhas e lacunas, mas oferecem indicações aproximadas da realidade, e evidenciam que nestes últimos anos houve um significativo avanço na prática daquele esporte em Natal e em todo o Estado do Rio Grande do Norte.

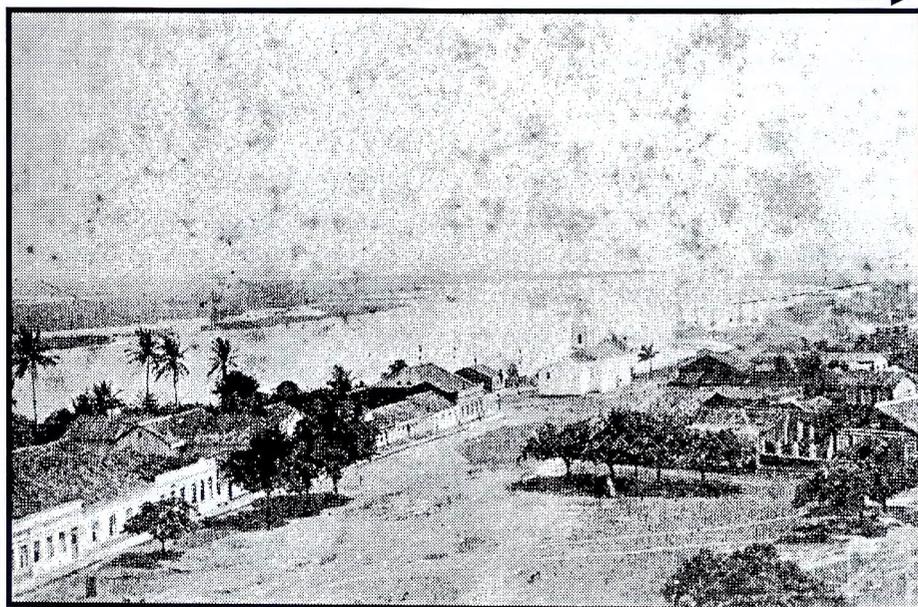
As bolas eram de couro costuradas em gomos, recebendo câmaras de ar de borracha, com pito, quase sempre marca “Olimpic” nº 5 ou 3, fabricadas e trazidas da Inglaterra, esporadicamente, por diminuto número de estudantes potiguaras que ali faziam cursos antes da “I Grande Guerra Mundial”, porém, quando furadas ou estouradas, criavam grandes dificuldades para que outras fossem adquiridas, obrigando os clubes a paralisarem suas atividades por longo tempo, ou definitivamente. Os clubes mais

humildes, que não eram poucos, quando tinham estouradas as suas bolas, a situação era remediada adquirindo-se “bexigas de boi”, no matadouro público, localizado no logradouro “Oitizeiro”, na subidfa para a rua da Misericórdia, a fim de substituir a câmara de ar estourada por alguns jogos, como era o caso do Alecrim Futebol Clube, uma agremiação ainda muito modesta na época.

Os jogos eram realizados em descampados existentes na cidade, como as espaçosas praças publicas da rua Grande (André de Albuquerque); na campina da Praça Pedro Velho; na Praça Pio X (Igreja Nova, atual Catedral Metropolitana); na esplanada Silva Jardim, em frente as Docas do Porto, na Ribeira, ou ainda no Polígono de Tiro Deodoro (ao pé do Morro do Tirol); no Cemitério Novo, hoje Vila Naval, no Alecrim, e também na Solidão (imediações do Esquadrão de Cavalaria, hoje Escola Doméstica, na avenida Hermes da Fonseca, no Tirol); no campo do Triangulo (sítio Juvenal Lamartine, em Petrópolis); na primitiva praça da Capela de São Pedro, Igreja de São Pedro, hoje

Praça Pedro II, no Alecrim; no descampado ao lado da hoje Policlínica; no oitão da Igreja do Rosário, Cidade Alta, e no sítio da família de Julio Tinoco, na rua Olinto Meira, onde seus filhos Juarez, Geno, Jano e Jarino eram “cracks”, além de outros pontos que eram descobertos por pegadores de passarinhos, como na Baixa da Beleza, imediações da avenida Quatro, no Alecrim.

Não havendo ainda uma entidade para organizar disputas oficiais entre os clubes existentes, as partidas eram levadas a efeito apenas amistosamente. Quarenta e oito horas após o “desafio” para uma disputa amistosa, os clubes deveriam apresentar a relação dos seus atletas para a disputa programada, sendo sugerido sempre um “referee” (juiz) neutro, que não pertencesse aos quadros disputantes. As partidas de futebol eram dirigidas por um “referee” que usava, quase sempre, boné, calça comprida, camisa social e gravata, além de dois “bandeirinhas” laterais e



Aqui um dos descampados que se praticava o futebol em Natal, hoje Pça. André de Albuquerque.

dois de fundo de campo ou linha de “goal”. Os juizes eram escolhidos entre dirigentes de outros clubes ou pessoas de destaque na sociedade que tivessem alguma noção das regras do “foot-ball”, como foi o caso de Alberto Roselli, onde o esporte já se tornara conhecido, além de Julio Meira e Sá, Sérgio Severo, Cincinato Chaves, Silvio Dantas e Frederico Holder, entre outros. Registra-se que, posteriormente, quando já existia em Natal um Liga, o desportista Loris Cordovil, foi transferido do Rio de Janeiro para a agência do Banco do Brasil e aqui ingressou no quadro de árbitros da entidade, ele que fora um dos grandes árbitros da entidade maior do “foot-ball” do Rio de Janeiro, apitado com elogios, jogos a nível dos grandes clubes do sul do país. Foi, talvez, o primeiro árbitro de fora que chegou a Natal.

Antes do inicio dos jogos de “foot-ball”, eventos que tinham as vezes, a presença de Chefes de Estado, intelectuais, autoridades outras e grande número de “senhorinhas e mancebos” (como noticiava a imprensa da época), as bandas de músicas da Associação dos



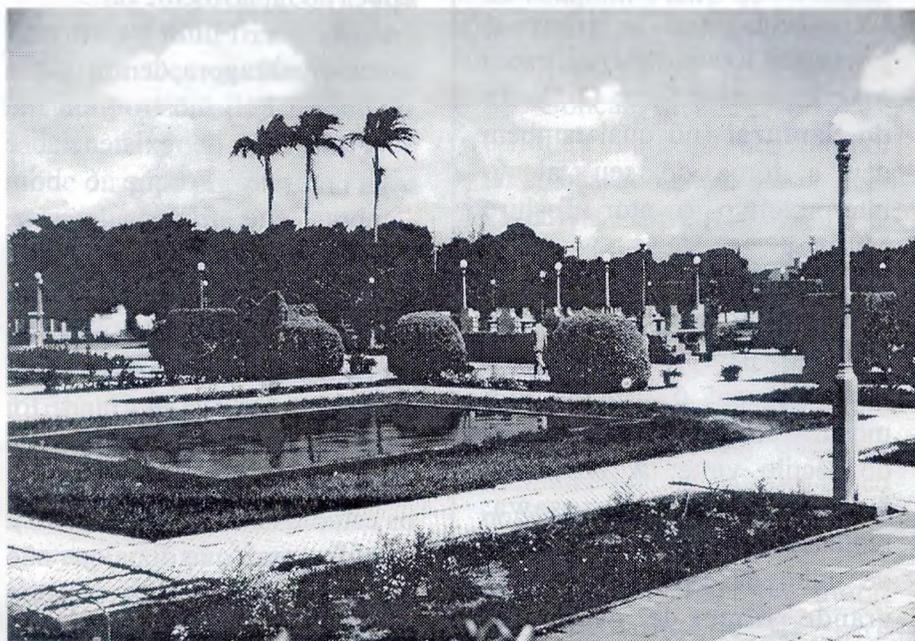
Sítio Juvenal Lamartine: Era um dos descampados onde se praticava o futebol em Natal antes da construção do estádio.

Escoteiros do Alecrim, sob a batuta do mestre José Gabriel, funcionário da ECT, e o contra-mestre Manoel Florentino de Albuquerque, sargento da Polícia Militar, que contava com a participação ainda dos jovens músicos Gil Soares e Moisés Pinto Meireles, hoje único sobrevivente, e a Banda do Batalhão de Segurança (Polícia Militar), sob a regência do sargento José Sinésio Freire, postadas num canto discreto do campo, abrihantavam as disputas com marchas e dobrados e, quando ocorria o lance do “goal” válido, antes da bola chegar ao centro de campo para nova saída, o regente ficava com “um olho no “referee” e

outro nos músicos”. E sem demora, autorizava a introdução do dobro ou marcha, cena que sempre se repetia quando havia outro “goal”, momento maior da disputa. Os Chefes de Estado que prestigiaram os primeiros passos do “foot-ball” foram Ferreira Chaves e Juvenal Lamartine, e nos nossos dias Sylvio Piza Pedrosa.

Como o “foot-ball” não era ainda bem conhecido, e não se tinha uma idéia correta a respeito da sua necessidade para o aperfeiçoamento físico do atleta, as jogadas mais bruscas faziam com que alguns julgassem que aquele não era o esporte adequado e aconselhável para sua prática. Assim, os primeiros acidentes ocorriam em campo, não foram bem recebidos pelos membros da pequena comunidade, motivo porque por algumas vezes, foi repudiado por algum tempo por muitos.

“Antes do inicio dos jogos de “foot-ball”, eventos que tinham às vezes, a presença de Chefes de Estado, intelectuais, autoridades outras e grande número de “senhorinhas e mancebos”



Aqui na Campina da Praça Pedro Velho também se praticava o futebol.

Os melhores filmes vistos nos anos 60 (II) - Cinema Poti

Anchieta Fernandes



Aqui funcionou o Cinema Poti, hoje o prédio está totalmente descaracterizado.

O Cinema Poti, contribuição da empresa dos Diários Associados em Natal à divulgação da Sétima Arte, foi inaugurado à Avenida Deodoro nº 245, a 30 de junho de 1960. Embora o preço dos ingressos que estava estabelecido na época fosse Cr\$ 30,00 (trinta cruzeiros) para adultos, e Cr\$ 15 (quinze cruzeiros) para estudantes, todo mundo pagou Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) na sessão inaugural, às 20 horas, para ver o filme **Imitação da Vida**, de Douglas Sirk, porque a renda seria revertida em benefício da Maternidade Januário Cicco. O novo cinema da cidade tinha duas unidades projetoras.

Logo no quarto dia a contar da inauguração, o Cinema Poti já trouxe uma novidade para o espectador natalense: o Festival de Filmes Japoneses, uma promoção da Toho Filmes,

iniciada a 03 de julho de 1960 com o filme **As Aventuras de Guerreiros Vagabundos**, dirigido por Toshio Suguie, e onde no elenco de intérpretes se contava com o grande Toshiro Mifune. O natalense conheceu na época a obra de dois mestres do cinema nipônico: Akira Kurosawa, com o filme **A Fortaleza Escondida**; e Hiroshi Inagaki, com o filme **O Conto do Samurai** (no qual também deu a força do seu talento interpretativo o ator Toshiro Mifune).

É deste Festival de Filmes Japoneses que tiro o primeiro para a seleção dos melhores que o Cinema Poti mostrou em sua tela nos anos 60 do século vinte: **A Fortaleza Escondida**, de Kurosawa, realizado em 1958 e exibido a 06 de julho de 1960. Sobre este grande filme de aventuras, mesclado a romance e comédia,

o diretor norte-americano George Lucas confessou ter-se inspirado nele para fazer a saga **Guerra nas Estrelas**. Foi o primeiro filme japonês em cinemascope. A fortaleza secreta é encontrada, após muitos combates e perigos, em plena época do Japão medieval.

O filme a ser mencionado agora, dentre os que o Cinema Poti mostrou em seu segundo ano de existência, é uma reprise. Porque é bom lembrar que filmes de arte, inovadores, clássicos, sempre merecem ser revistos em qualquer época. **Branca de Neve e os Sete Anões**, com desenhos por David Hand, foi exibido a 23 de setembro de 1961. À época de sua produção, os estúdios Disney desafiaram a opinião geral, que dizia que não era possível fazer um desenho animado de longa metragem. Tanto foi feito, como agradou



Filme estrelado em 1966 no Cinema Poti

crianças e adultos de todo o mundo.

Em cartaz a 09 de janeiro de 1962 o filme que Berilo Wanderley não hesitou em classificar de “obra-prima”, por seu “tratamento cinematográfico” de grandes planos, demorados close-ups e “fusões que sugerem metáforas tão bem apreendidas de antigos mestres do cinema” (v. o livro “Cine Lembrança”, Sebo Vermelho Edições, 2004): **Um Lugar ao Sol**, realizado em 1951 por George Stevens. Em destaque na tela do cinema da ladeira da Poti, em 1963, um filme dirigido por um John Ford já cansado, mas que soube valorizar com humor e a marca interpretativa de John Wayne este **Marcha de Heróis**, realizado em 1959, e em cartaz a 13 de abril de 1963.

O gênero terror, feito com qualidade estética, foi apresentado ao espectador do Cinema Poti a 28 de julho de 1964, com a exibição do clássico **O Médico e o Monstro**,

realizado em 1941 por Victor Fleming, baseado na novela de Robert Louis Stevenson, onde um médico cria uma fórmula que o transforma em um **monstro** (metáfora das duas faces da personalidade humana: uma voltada para o bem, outra voltada para o mal). Aliás, por falar em face, quem foi ao Cinema Poti, a 24 de setembro de 1965, viu o faroeste **A Face**

Oculto, realizado em 1961 por Marlon Brando, a demonstrar assim que não era somente o bom ator de **O Poderoso Chefão-1**, mas também um bom diretor.

Além de **Branca de Neve e os Sete Anões**, visto em 1961, o espectador do Cinema Poti viu em 1966 (em sessão do dia 25 de novembro) outro filme desafiador: **O Padre e a Moça**, de Joaquim Pedro de Andrade. Realizado no mesmo ano de 1966, na cidadezinha mineira São Gonçalo do Rio das Pedras, o filme é um duplo desafio: por ter se baseado não em uma obra narrativa, e sim em um poema de Carlos Drummond de Andrade; e por afrontar os cânones da Igreja Católica e a opinião de beatos e beatas de todos os naipes, principalmente de cidades do interior, que não aceitam a prática do amor físico por seus vigários.

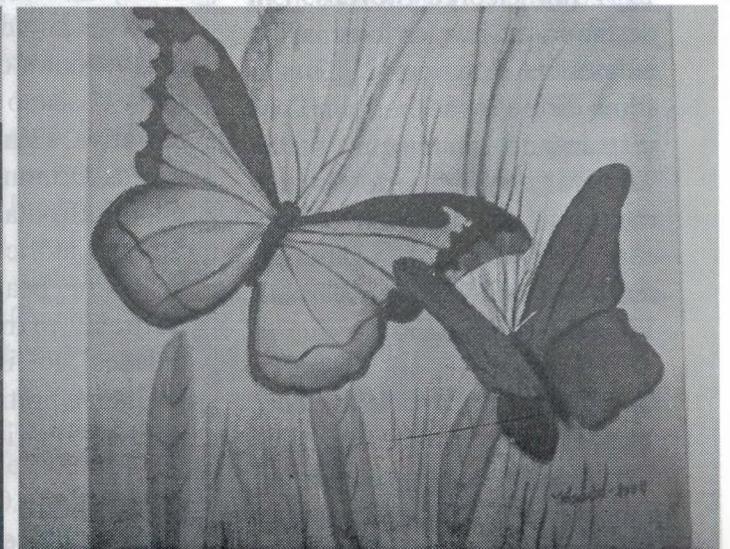
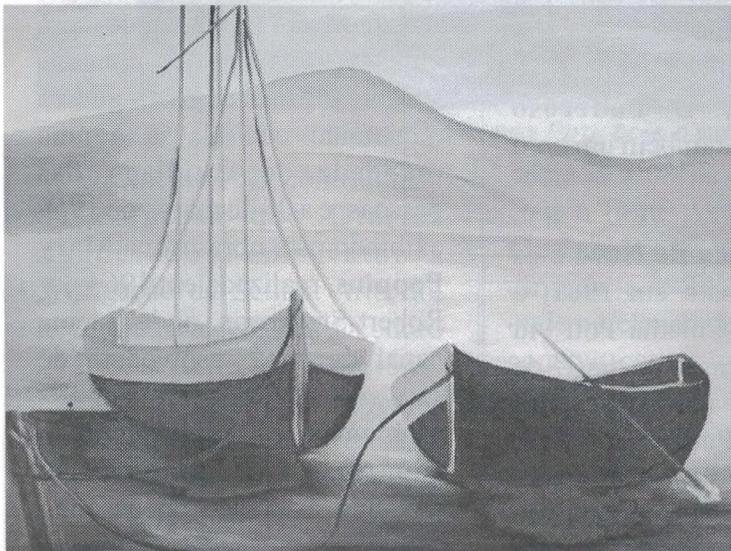
Aliás, outro item da moral convencional é de que professores não podem ser

flagrados em cabarés, tendo amores com prostitutas. Pois é este o tema do clássico **O Anjo Azul**, realizado em 1930 pelo mestre alemão da tela, Josef von Sternberg, revelando neste filme a grande Marlene Dietrich, que no papel se incumbe de seduzir o professor mostrando suas lindas pernas dançando no cabaré, em um momento erótico inesquecível na história da Sétima Arte. No papel do professor, Emil Jannings também demonstrou ser um dos melhores atores alemães. Outra boa reprise do Poti, em cartaz a 22 de setembro de 1967.

O Cinema Poti foi ao fim da década marcando-a com fechos de ouro. A 04 de julho de 1968 exibindo o filme **Tempo de Guerra**, de Jean-Luc Godard, realizado em 1962, onde com alusões, citações e imagens soltas ele critica a guerra mostrando que ela já é uma realidade do cotidiano das pessoas; e a 08 de março de 1969 exibindo esta obra-prima **Mary Poppins**, realizada em 1964 por Robert Stevenson, onde o tema banal da babá resolvedora de situações com crianças-problemas é redimensionado com magia e criatividade, juntando a técnica do desenho animado à presença de atores e atrizes ao vivo. cartaz a 05 de

**O Cinema
Poti,
fechou as suas
portas no início
da década de 70
do século XX**

Beleza Iolandense





Casario



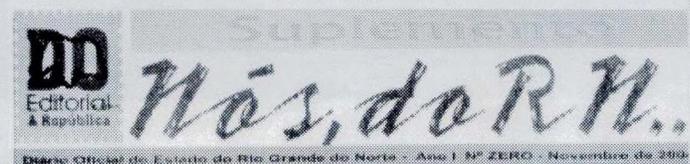
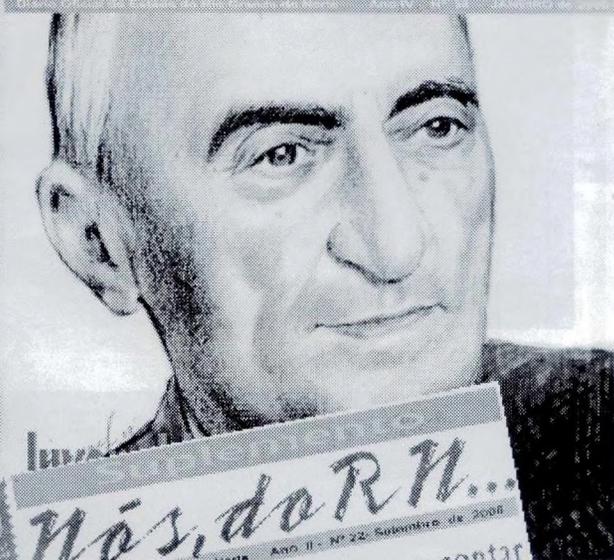
Flores

designer: volmã bezerra

A Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, contribuindo com a divulgação dos atores e autores culturais do Estado, publica mensalmente encartado no Diário Oficial o suplemento cultural **Nós do RN.**



Supleme
Nós, do RN chega



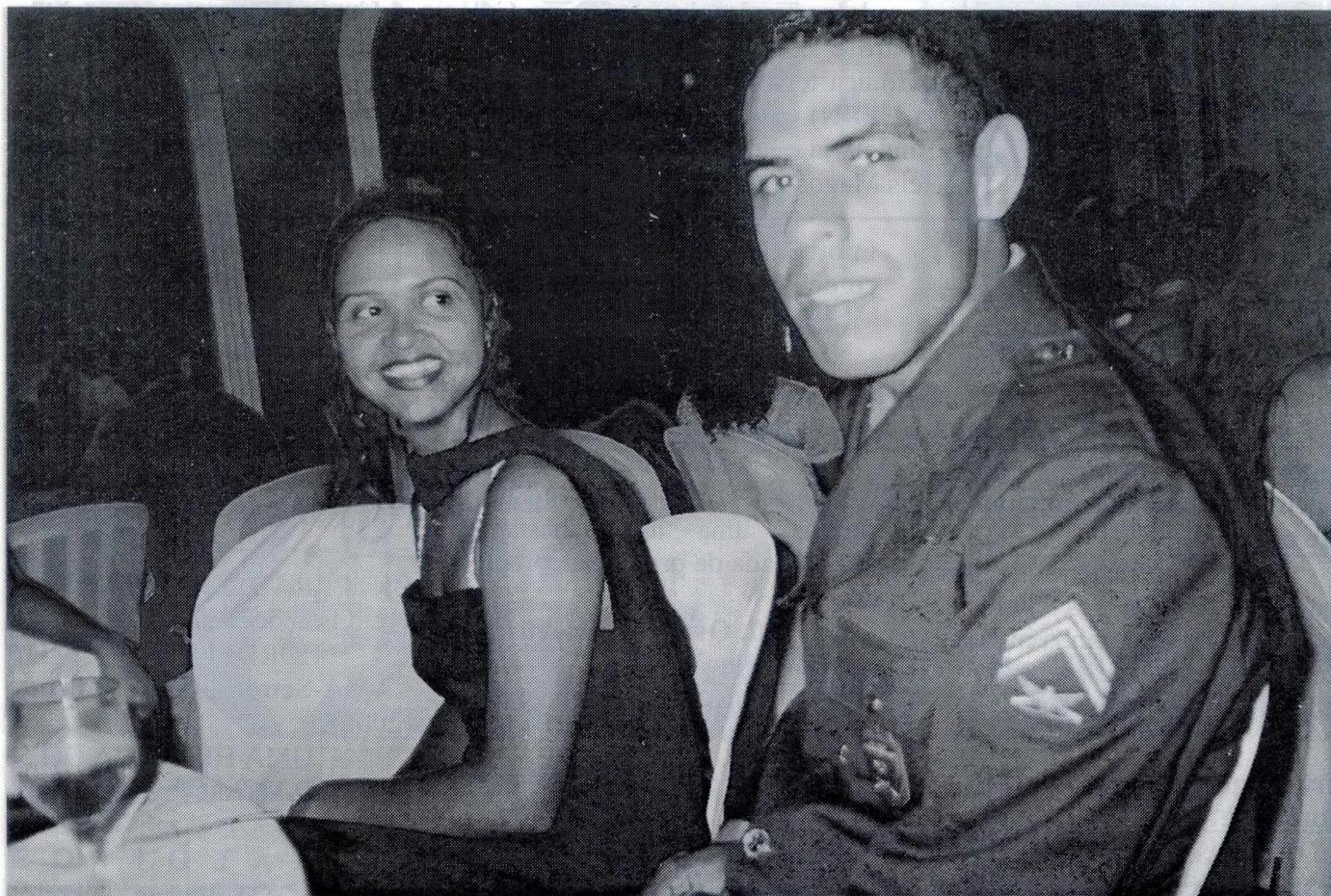
Escritor fala de trens, musicais e terremotos na antiga Baixa Verde
Páginas de 6 a 8

Brasil, admimundo visto Charles Darw
Páginas de 9

Departamento Estadual de Imprensa
Av. Câmara Cascudo, 355 - Ribeira - fone (84) 3232 6780 - 3232 6795 - Natal - RN

Anti-balada para Glaubinho

Por João Charlier Fernandes



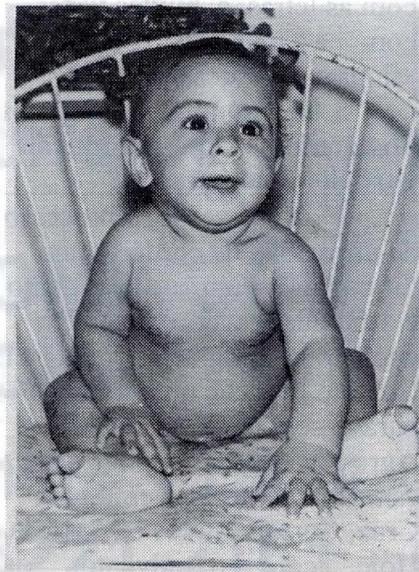
Hoje

Enfim, chegaste. Com que ansiedade te aguardei! Agora que a força da tua presença se envolve em redenção plena, quero para sempre ficar liberto do meu aprendizado de desespero. Vieste de um mundo perfeito, construído de leveza e quietude. Teus olhos meridianos não escondem a sabedoria de que és portador, emissário de uma verdade destinada a, finalmente, iluminar este mundo marcado pelas trevas seculares. Sim, estou aprendendo contigo a aniquilar minha revolta. Que tua linguagem não me afaste nunca dessa equação de beleza. Que a minha fuga, cesse diante desse cortejo de olhares e gestos que formam a tua eclíptica de poder. Poder que é teu, porque tua é a pureza. Não posso mais, não

quero me afastar de ti. O mistério do amor está em ti, está em mim. Bebo em ti porque és fonte: de dor, de alegria e de afeto.

Eu sabia que estavas a caminho; por isso vim te encontrar, nessa rota que me consumiu em dias e noites assombradas, em raivas desterradas, em estepes naufragadas, em prantos perdidos, em vícios embutidos, em rostos arrependidos, em leitos desamados. Sim, meu amor, tu és a minha nau chegada. Estás me ensinando tudo, a grandeza da vida, a amplidão dos caminhos, a rebeldia dos impuros, como eu, e a vidência dos puros, como tu. Tudo estou aprendendo contigo, eu, mísero mortal, que te fiz vir ao mundo somente para te amar e te adorar, e que só posso te oferecer o doloroso atavismo de minha perplexidade diante dos homens

que não te aceitam, criança, porque não são perfeitos como tu, em tua pureza. Sim, quero aprender contigo, porque, aos trinta e três anos, não sou senão o teu aprendiz, tu, que com apenas três meses de idade, estás me ensinando a acreditar no amor.”



Ontem

ENTREVISTA COM MANUEL DE AZEVEDO

REALIZADA POR CARLOS FREDERICO DE O. L. DA CÂMARA



POETA CORDELISTA MANUEL DE AZEVEDO

O Professor, poeta e músico, Manoel de Azevedo já lecionou em várias escolas públicas municipais e estaduais na capital e no interior do RN, e na rede particular, lecionou no Colégio e Curso Hipócrates Zona Sul, Centro e Zona Norte. Como músico integrou a orquestra de câmara e sinfônica tocando violoncelo (orquestra do SESI e da Escola de Música da UFRN), participou de vários festivais de música da UFRN, EFRN, Candelária e Festival de Artes de Natal em sua última edição no Forte dos Reis Magos em 1985.

01. Qual a sua origem?

Nasci em Santana do Matos, Sertão central, em 8 de Dezembro de 1962.

02. Porque o interesse das cantorias e das récitas (leitura dos folheteiros de cordéis)?

As influências das cantorias de feira e as leituras dos cordéis foram na minha infância, foi onde eu tive meu primeiro contato com a literatura.

03. Quais foram os frutos que você colheu desse interesse?

O cordel me influenciou no meu fazer poético, guiou-me ao mundo da poesia, consequentemente a literatura como um todo, culminando com meu ingresso no curso de letras da UFRN.

04. Qual a importância do cordel com o mundo artístico?

O cordel funde as artes com as letras, e, muitas vezes com a música, pintura, xilogravura e desenho.

05. Quais eram os obstáculos da produção cordelista no passado?

No passado, o processo de impressão de cordéis eram dificultados pelo encarecimento e dificuldade da produção em encontrar tipografias para tal. Como o cordel é uma tradição para o sertão, Oeste, Seridó e Agreste, as poucas tipografias estavam localizadas em Santa Cruz, Currais Novos e Mossoró. Hoje com o advento da

informática, já se pode difundir o cordel, com rapidez e economia.

06. Qual a importância do livro dicionário dos cordéis do RN de Gutenberg Costa?

Porque consegue catalogar e expor às gerações futuras uma idéia bastante aproximada da produção cordelista do RN.

07. Quais os cordelista que mais você aprecia?

José Saldanha, com o seu primeiro cordel "O preço do algodão" e Antônio Francisco, Ambos ainda em atividades.

08. Qual a influência do cordel com a música?

O cordel de fogo encantado, "Arco Verde, Pernambuco" é um bom exemplo do uso do cordel em fusão com a música. O grupo faz um trabalho de pesquisa inclusive incluindo poemas de autores Norteriograndenses.

09. Qual a sua produção no mundo dos cordéis?

O MISTO-número 55 do projeto "xico traria" (2000)- Fundação José Augusto.

A.B.C. de Santana do Mato - Serrote Preto Edições (2004)

O RASTEJADOR DA SERRA DO BICO d'ARARA- Serrote Preto Edições (2004) CORDEL DA CACHAÇA- Serrote Preto Edições (2005)

UM GUERRIHEIRO POTIGUAR NO ARAGUAIA - queima bucha e Serrote Preto Edições (2005)

BACHAREL E MENESTREL- Serrote Preto

Edições(2006)

CORDELOS CORDEIS - Serrote Preto Edições (2006)

OROUXINOL - Serrote Preto Edições (2006)

OS MÚSICOS DE BREMEN - Serrote Preto Edições (2006)

A MENINA ENTERRADA VIVA- Serrote Preto Edições (2006)

CORDEL DO BECO DA LAMA- Serrote Preto Edições (2006)

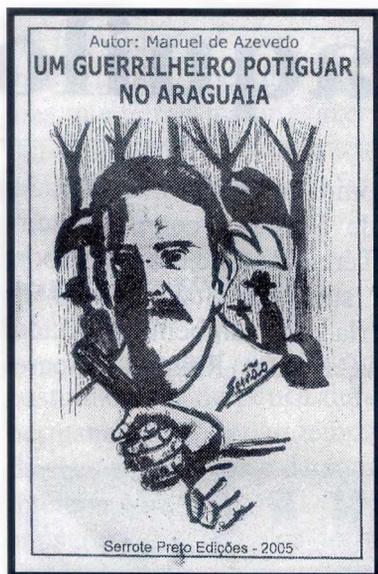
UMA HISTÓRIA DO SERTÃO- Serrote Preto Edições (2006)

MALDITOS MOSQUITOS- Serrote Preto Edições (2006)

CORDEL DO SETE- Serrote Preto Edições (2006)

10. Existe um movimento com a salvação dos cordéis no RN?

Há um movimento preocupado em reunir os cordelistas em associação no sentido de garantir a qualidade do conteúdo e da forma através de um selo de controle da obra. Existe dois pólos de aglutinação, um em Mossoró com os cordelista Antônio Francisco, Crispiniano Neto, Kydelmir Dantas, e outro em Natal com cordelistas que reúnem na Casa do Cordel (Paulo Varela, Isaias, Abaeté) minha opinião é que a pressa possa levar a divisão, consequentemente o enfraquecimento e a falta de credibilidade. Carece de mais discussões.

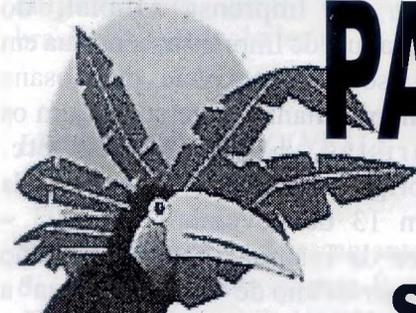


Cordéis de Manoel de Azevedo



SEBO AMORIM RUA PADRE GERMANO Nº 135 - NOVA DESCOBERTA

www.seboamorim.estantevirtual.com.br
Fone: (84) 3206-2790



PALADAR TROPICAL
RESTAURANTE

Self Service com Comida Sertaneja e churrasco

AOS SÁBADOS E DOMINGOS BUFFET ESPECIAL

AV. PRUDENTE DE MORAIS, 1952 - TIROL
FONE: (84) 3221-5475 / 3221-2161



Anchieta Fernandes

Disso e Daquilo

SUPLEMENTO DO DEI

O Suplemento Cultural “Nós do RN”, editado pelo Departamento Estadual de Imprensa, continua sendo produzido mensalmente e distribuído gratuitamente aos interessados, e encartado no Diário Oficial. A exemplo de veículos culturais oficiais do peso do antigo “Nicolau”, do Paraná, e do “Leitura”, da Imprensa Oficial de São Paulo, o “Nós, do RN” vem tentando prestar uma contribuição inestimável aos pesquisadores, estudantes e professores. A História e a Cultura em geral de nosso Estado é registrada em suas páginas. Desde que foi lançado em 2004 até o mais recente número, o de agosto passado, saíram edições especiais contando a história de nossa Medicina, de nossa Educação, dos nossos pioneirismos aeronáuticos, do pioneirismo das nossas mulheres, os massacres de Cunha e Uruassu, a história do Padre João Maria, e de Juvenal Lamartine, do escritor Raimundo Nonato, a de Mossoró como uma cidade em perene vanguarda, a do movimento republicano em nosso Estado, a de nossa imprensa, as iniciativas do folclore, o nosso teatro, o nosso cinema, a nossa música, a história do Comércio no RN etc. Atualmente sendo editado pelo jornalista Edilson Braga, em próximo exemplar será publicada no suplemento uma entrevista com o atual Diretor Geral do DEI, Marcos de Souza Sobrinho, um jovem de mentalidade aberta às boas iniciativas em prol de nossa cultura.

MAIS UMA VAGA NA ACADEMIA

A Academia Norte-riograndense de Letras sofreu um lamentável desfalque no dia 03 de outubro, quando faleceu em Brasília, de problemas cardíacos e pneumonia, o ocupante da cadeira de nº 32, João Batista Cascudo Rodrigues. Ele era mossoroense, nascido a 23 de junho de 1934, bacharel em Direito e também licenciado em Didática, Geografia e História. Foi promotor de justiça e professor, tendo dirigido a Faculdade de Ciências Econômicas de Mossoró e exercendo o cargo de primeiro Reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (atual UERN). A cadeira nº 32, da Academia Norte-riograndense

de Letras, tem como patrono o historiador Francisco Fausto de Souza e como primeiro ocupante o ensaísta Tércio Rosado Maia. Um bom nome que poderia substituir João Batista na cadeira de nº 32 seria o do também historiador oestano (nascido em Caraúbas) Raimundo Soares de Brito.



Brasão da Academia Norte-riograndense de Letras

MUSEU DE IMPRENSA OFICIAL

O Museu de Imprensa Oficial, do Departamento Estadual de Imprensa, continua em plena atividade, sob a supervisão de Rosane Macedo, recebendo visitantes diversos, sejam os estudantes, turistas, historiadores etc. Denominado originariamente – quando da inauguração, em 13 de novembro de 2003 – apenas de Museu da Imprensa Oficial, um ano depois recebeu o acréscimo de “Eloy de Souza” a seu nome, em homenagem a um dos grandes vultos da história do jornalismo potiguar. Antigas impressoras, fotos de momentos decisivos de nossa imprensa (como a fundação de A República, por Pedro Velho), antigos exemplares do referido jornal A República, máquina de escrever, máquina fotográfica – tudo isso constitui o acervo do museu, apresentando os elementos materiais do patrimônio imaterial da nossa história cultural. É um lugar onde o visitante sempre aprende, principalmente grupos que agendam a visita antes (fone 3232-6864), quando então recebem explicações sobre a história de nossa imprensa

oficial, dadas por mim, e vêem as velhas máquinas funcionando, operadas por gráficos aposentados mas que têm o maior prazer em voltar a pô-las em funcionamento. O museu situa-se no mesmo prédio do DEI, em um espaço aos fundos da gráfica.

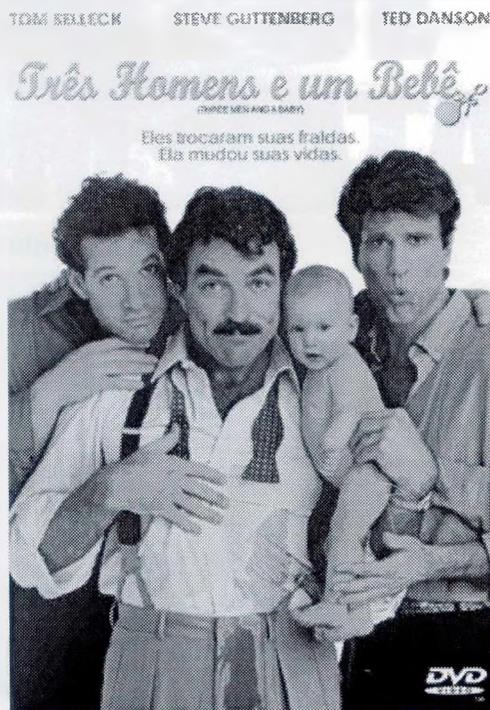
JORNAL ZONA SUL

Jornais de bairros, ou comunitários, costumam ser de pouca duração. Raros são os que permanecem ao longo tempo, pois muda a situação de seus fundadores e deixam de existir os objetivos iniciais. Mas o “Jornal Zona Sul”, fundado há 18 anos (em 1991) pelos jornalistas Costa Júnior e Edson Benigno, é uma exceção à regra. Primeiro, com o nome “O Ponta Negra”, impresso no tamanho de uma folha de papel officio, nasceu com o objetivo de levantar os problemas da comunidade de Ponta Negra, “no sentido de conquistar uma melhor qualidade de vida para seus moradores.” Tendo bastantes dificuldades em fazer o jornal em seus passos iniciais, os dois jornalistas souberam superá-las, com o apoio dos anunciantes da comunidade . O veículo cresceu, o padrão gráfico e número de páginas foi aumentado. Outras comunidades, além de Ponta Negra, , quiseram te-lo também como seu porta-voz; daí que, por conta dessa maior abrangência dos leitores a quem é direcionado, o jornal mudou seu nome para “Jornal Zona Sul”. Na verdade, atualmente, além dos assuntos referentes aos interesses primeiros da Zona Sul, o jornal aborda, através de alguns colaboradores, assuntos culturais em geral, de amplitude universal, brasileira, estadual e local.

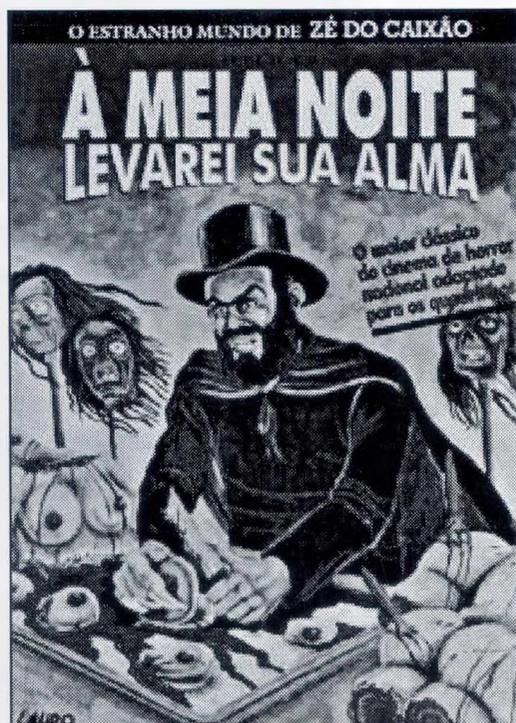
LIVROS SOBRE CINEMA

Não sei se esta notícia sae antecipadamente, ou se depois que o evento ocorrer. É que, durante a Cientec (Feira de Ciências da UFRN), será lançado um livro de críticas sobre cinema, tendo como foco o tema “filmes brasileiros”, quer dizer, de diretores nacionais. Os organizadores do livro, o escritor e crítico de cinema Bené Chaves e o professor universitário e poeta Marcos Silva já haviam publicado em 2006, pela mesma editora, a Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN) o livro “Clarões da Tela”, com a mesma metodologia: são várias críticas ou apenas comentários sobre diversos filmes, por diversos autores. No primeiro livro, foram abordados diversos filmes da cinematografia universal; agora, somente filmes brasileiros. Interessante, como este

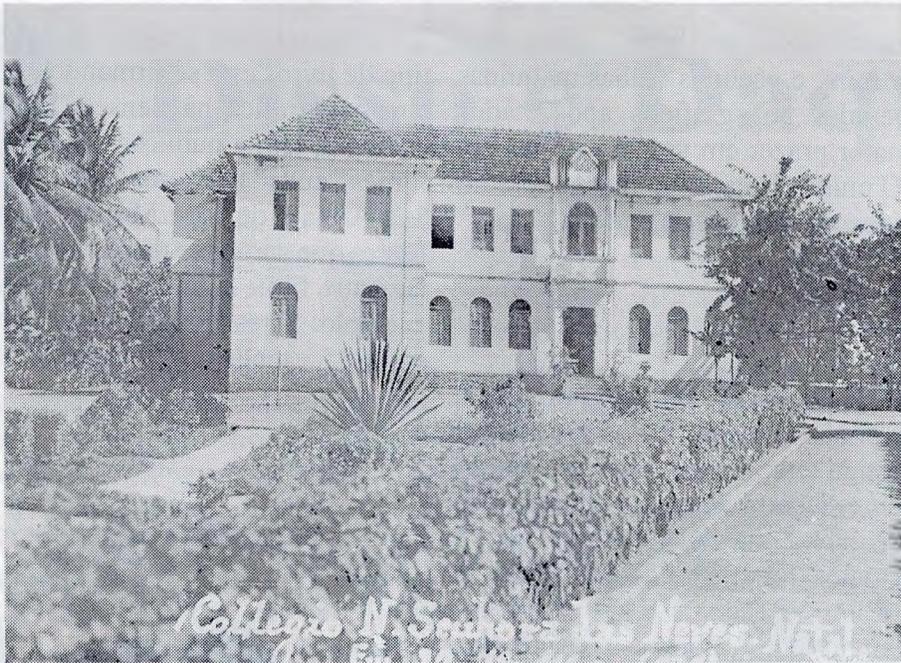
tipo de livros está se firmando na produção da crítica cinematográfica natalense. O Cineclube Natal, por exemplo, tem a publicar duas antologias: uma sobre filmes “cults” (a exemplo de “À Meia Noite Levarei Sua Alma”, de José Mojica Marins), e outro sobre filmes que surgem e depois o mesmo diretor ou outro faz outro filme com o mesmo tema, ou “remake” (por exemplo: “Três Homens e um Bebê”, feito na França em 1985, e tendo um “remake” americano em 1987).



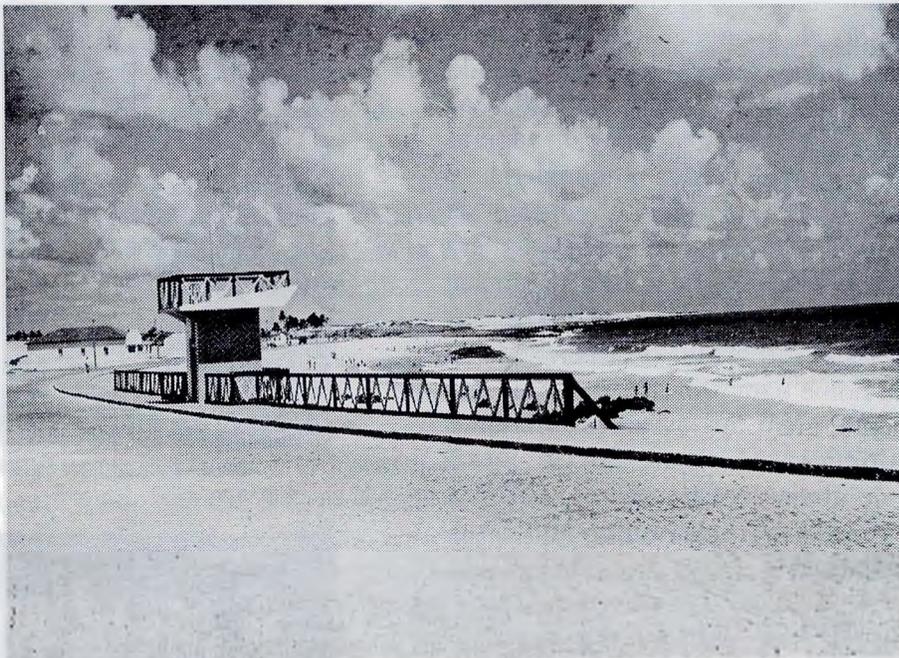
Remake americano feito em 1987



Filme Estrelado por José Mojica Marins o famoso Zé do Caixão que futuramente se tornará uma antologia com este cartaz.



Colégio Nossa Senhora das Neves - 1946 - Bairro do Alecrim



Posto de Salva Vidas da Av. Café Filho (Praia dos Artistas)

